



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS

GRAZIELLE OLIVEIRA DA ENCARNAÇÃO

**OS DESAFIOS DOS LETRAMENTOS DIGITAIS NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA EM ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DO BAIRRO DE SÃO
CAETANO, SALVADOR**

Salvador - Bahia

Julho 2022

GRAZIELLE OLIVEIRA DA ENCARNAÇÃO

**OS DESAFIOS DOS LETRAMENTOS DIGITAIS NO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA EM ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DO BAIRRO DE SÃO
CAETANO, SALVADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andréa Beatriz Hack de Góes.

Salvador - Bahia

Julho 2022

TERMO DE APROVAÇÃO

GRAZIELLE OLIVEIRA DA ENCARNAÇÃO

OS DESAFIOS DOS LETRAMENTOS DIGITAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DO BAIRRO DE SÃO CAETANO, SALVADOR

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia – UFBA – avaliado pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Andréa Beatriz Hack de Góes

Orientadora – UFBA

Prof^ª. Claudia Norberta dos Santos Amaral

Examinadora externa – UNEB

Prof^ª. Me. Jurene Veloso dos Santos Oliveira

Examinadora interna – UFBA

Salvador, 08 de julho de 2022.

Toda glória em mim é Deus. Dedico todas as conquistas a Ele e a minha família, base do que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo, principalmente pela graça de me permitir chegar até essa etapa. Também a minha mãe, minha primeira professora, por ter incentivado, lutado e apoiado os meus sonhos, mesmo quando eu era apenas uma criança e brincava de ser professora quase todas as manhãs em seu quarto.

Meus agradecimentos a toda minha família, ao meu pai Luís Magno, as minhas irmãs Elizabeth e Isabelle. Ao meu irmão Luís Magno Júnior. Destaco a figura de Isabelle e sua família, Anísio, Arthur e João Pedro, obrigada por todas as palavras, pelas madrugadas perdidas, por todo amor e confiança.

Agradeço ainda a um amor e amigo que a vida me deu, Raimundo Júnior.

Não posso deixar de destacar minha sincera gratidão a todos os professores que passaram pela minha trajetória acadêmica e contribuíram de maneira significativa para minha formação profissional e pessoal. Sobretudo, a minha orientadora, Professora Doutora Andréa Beatriz Hack de Góes pela sua fé, por acreditar em mim, pela sua paciência e compromisso com a educação, também aos meus queridos colegas do GEPELD (grupo de estudos e pesquisas em letramentos digitais) que têm permitido tantas trocas fundamentais para o meu conhecimento, aos docentes que aceitaram participar da pesquisa e, por fim, aos professores de Língua Portuguesa que despertaram através das suas aulas e didáticas um imenso amor pela língua.

A todos que fizeram parte de alguma maneira desta etapa da minha vida, que ainda é só mais um passo de muitos outros.

“Eu te dou graças, senhor, de todo o meu coração, canto teus louvores diante dos deuses. Prostro-me em direção do teu santo templo e dou graças ao teu nome, por teu amor e fidelidade [...] no dia em que te invoquei, tu me respondeste, estimulaste a força da minha alma.”

(Salmo 138)

RESUMO

Diante das constantes transformações no que se refere às tecnologias digitais, nota-se que a sociedade vem se reconfigurando a fim de acompanhá-las e, as mudanças decorrentes da sua presença fortemente notada, acabam por modificar e fazer parte de todas as esferas da vida e atividade humana. Embora o mundo virtual ainda não seja acessível para todos, ainda assim, consegue incluir uma parcela considerável da população, que cada vez mais torna-se dependente do uso de dispositivos e ferramentas tecnológicas digitais para realização de atividades pessoais e/ou profissionais. Considerando esse contexto, a pesquisa aqui apresentada buscou mostrar que a educação também sofre fortes influências do universo digital, além de apontar que a escola ainda tem muitas dificuldades para incorporar essas mídias digitais como recursos didáticos no ensino por diversos fatores. O principal objeto teórico deste trabalho foram os letramentos digitais, aqui entendidos como habilidades imprescindíveis à formação do estudante do século XXI. Assim, esta pesquisa buscou verificar se as tecnologias digitais estão presentes nos processos de ensino e aprendizagem, com foco nas aulas de Língua Portuguesa, do alunado das escolas públicas da rede estadual no bairro de São Caetano, periferia de Salvador – Bahia, e em sequência, averiguar se nas aulas de Língua Portuguesa – disciplina escolar marcada notoriamente pela transversalidade – se existe alguma forma de abordagem, ou mesmo trabalho efetivo para o desenvolvimento dos letramentos digitais. Isso porque tendo o entendimento de que a inserção digital já se consolidou, é uma realidade e necessidade irreversível. Para tal feito, foi realizada uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica, assim houve a aplicação de questionário *online*, coleta e análise dos dados após as respostas dos professores que participaram do levantamento. Além disso, o presente trabalho visou enfatizar a necessidade de o estudante ter mais autonomia no decorrer de seu processo formativo, tendo apoio ativo do professor na utilização consciente de ferramentas e dispositivos digitais, refletindo criticamente sobre seu ser e estar no mundo virtual. As principais referências teóricas que fundamentaram essa pesquisa foram as obras de Dudeney et. al. (2016), Rojo (2012) e Soares (2002), dentre outras.

Palavras-chave: Letramentos Digitais; Ensino de Língua Portuguesa; Escola Pública.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFLEXÕES SOBRE OS LETRAMENTOS DIGITAIS E A LÍNGUA PORTUGUESA	17
2.1 LETRAMENTO IMPRESSO X DIGITAL: CONCORRÊNCIA OU COMPLEMENTARIDADE	18
2.2 PANORAMA DOS LETRAMENTOS DIGITAIS.....	19
3 METODOLOGIA: EM BUSCA DOS LETRAMENTOS DIGITAIS	27
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO E UNIVERSO DA PESQUISA	27
4 ANÁLISE DOS DADOS	29
4.1 RESULTADOS	29
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
APÊNDICE	50

1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais, as sociedades vêm passando por céleres transformações, especialmente no que diz respeito à proliferação hiper difundida, especialmente nas últimas décadas, das tecnologias digitais. É perceptível como o mundo digital tem marcado à vida das pessoas, tornando-as dependentes dele para a realização de inúmeras atividades cotidianas, desde as mais simples, como o manuseio de um caixa eletrônico, às mais complexas, que podem envolver a programação de *softwares*, por exemplo. Tais práticas, cada vez mais presentes e comuns, exigem o acesso e aquisição de novos conhecimentos, impondo também diferentes comportamentos, o que, por sua vez, requer o desenvolvimento e domínio de variados tipos de letramentos digitais.

Contudo, na contramão dessas demandas hoje postas, percebemos que a educação, notadamente a praticada no âmbito das redes públicas, está ainda muito longe de ser incluída nesse processo. A constatação de que a escola que segue oferecendo um ensino em bases completamente analógicas não atende mais às demandas do estudante do século XXI já se consolidou como senso comum, em face do entendimento precípua de que os processos de ensino-aprendizagem na atualidade precisam considerar a condição de nativos digitais dos estudantes, conforme alerta Roxane Rojo: “(...) enxergar o aluno em sala de aula como o nativo digital que é: um construtor-colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas.” (ROJO, 2013, p. 8). Contudo, a realidade em que milhares de estudantes de escolas públicas se encontra difere de tal expectativa, perpetuando lacunas em inúmeras questões da quais a sala de aula não tem conseguido dar conta.

Dentre os tantos desafios enfrentados pela educação brasileira, está o da infraestrutura precária, com falta de materiais didáticos e equipamentos mais modernos e eficientes; a omissão de políticas públicas que viabilizem investimentos para a capacitação e atualização dos profissionais de educação, bem como a escassez de recursos básicos, como energia, água, merenda, internet, que prejudicam consideravelmente o progresso do ensino. Então, como lidar com tal problemática histórica diante da forte necessidade de criar mecanismos e recursos que promovam o desenvolvimento do letramento digital dos alunos? Já que, no bojo de uma sociedade cada vez mais digitalmente conectada, resta evidente a necessidade de se incluir nas práticas escolares dispositivos e ferramentas tecnológicos que garantam uma melhor e adequada

formação escolar, capaz de contemplar as demandas do mundo atual. DUDNEY, et. al. (2016), afirmam de maneira enfática que “[...] ensinar língua exclusivamente através do letramento impresso é, nos dias atuais, fraudar nossos estudantes no seu presente e em suas necessidades futuras.” (2016, pg. 19).

Sendo assim, valer-se apenas das metodologias tradicionais, pautadas no texto impresso e em outros recursos analógicos, implica negar espaço para o protagonismo dos jovens estudantes, pois não se pode desconsiderar que as informações chegam a todo instante, sempre novas, demandando um olhar sob novos ângulos, no que diz respeito às formas de se comunicar e interagir em sociedade, dentro e fora da escola. Com o avanço e difusão cada vez mais generalizados das novas tecnologias digitais de comunicação e informação, as TDCIs, percebe-se que tais mudanças se configuram em um processo irreversível, que para Rojo, “(...) não são simplesmente consequência de avanços tecnológicos. [...] estão relacionadas a uma nova mentalidade, pode ou não ser exercida por meio de novas tecnologias digitais.” (ROJO, 2013, pg. 7). Por isso, cabe à escola, enquanto agência de letramento legitimada socialmente, buscar traçar uma relação mais próxima e concreta com os letramentos digitais, conforme salientam Dudeney, Hockly e Pegrum: “Para nosso ensino de língua permanecer relevante, nossas aulas têm de abarcar ampla gama de letramentos, que vão bastante além do letramento impresso tradicional.” (DUDENEY, et. al., 2016, pg. 19).

Sabe-se que a tão necessária e almejada revolução no ensino não se dará apenas pelo fato de se ter uma série de aparelhos conectados, daí emerge a urgência de se incorporar didaticamente no dia-a-dia escolar a compreensão de que os letramentos digitais são as “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido (...)” (DUDENEY, et. al., 2016, p. 17), ou seja, o alunado precisa ser orientado a todo instante pelos seus professores a perceber que estar no ciberespaço (ROJO, 2013) não significa ser comandado pela tecnologia, mas sim, aprender a usá-la como ferramenta útil para explorar o mundo, de forma consciente, autônoma e engajada.

Assim, ser um letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita registradas no livro impresso, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital (XAVIER, 2002, p. 2). Logo, faz-se necessário repensar também as aulas de Língua Portuguesa, contribuindo desde cedo para o “alfabetamento”, proposto por Soares (2007), segundo a qual

(...) a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento(...) essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um **letramento digital**, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2002, pg. 151 – grifo meu).

Para a autora, tais práticas possibilitam que o aprendiz seja capacitado para se expressar e interagir de diversas formas no contexto dos usos sociais da leitura e da escrita, aprendendo a ler e escrever através de vários gêneros, que cada vez mais se encontram em suportes digitais. Assim, ao longo do desenvolvimento de escolarização deste estudante, não será conflituoso nem para ele e tampouco para o educador inserir em suas práticas pedagógicas a abordagem aos letramentos digitais.

Dudeney, Hockly e Pegrum salientam que não se deve desconsiderar que a palavra escrita ainda é pilar para comunicação, mesmo em ambientes virtuais, por isso urge a necessidade das instituições, sobretudo, as da educação pública, estarem atentas, não somente em terem currículos plurais, mas também em estarem dispostas a capacitar sujeitos que planejem e executem seus textos explorando o letramento multimídia. Rojo (2012) afirma que a escola deve incorporar o que se chama de repertório de mundo do aluno, ou seja, da cultura local que esse estudante leva para a sala de aula. Para ela, tanto o que é apresentado na mídia de massa quanto o que é visto na internet deve ser colocado em diálogo, e este, mediado pelo professor. Dessa forma, ela acredita que a escola não irá abandonar seu maior patrimônio, que é o aluno, mas enriquecê-lo, visando o futuro.

A escola deve pautar suas ações para uma educação na multimodalidade, bastante privilegiada e presente nos espaços virtuais, como apontam as Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006, p. 92), também endossada pelo Programa Nacional do Livro Didático em relação ao ensino da Língua Portuguesa, ao “abordar efetivamente os modos de ler e de escrever característicos dos textos multimodais e dos hipertextos, promovendo os diferentes letramentos envolvidos em sua leitura e produção” (PNLD, 2014, p.92- 3), Nesse sentido, outro desafio é agregado, abrangendo o letramento multimodal, característica marcante dos processos comunicativos mediados pelas plataformas midiáticas digitais no espaço do hipertexto, que abrange diferentes linguagens simultaneamente, das quais o texto concebido no formato analógico (impresso) não consegue dar conta. Contudo, o que se observa é um enraizamento das estratégias de ensino no letramento impresso, abrindo um espaço ainda muito pequeno e restrito para os letramentos digitais e sua multimodalidade linguística.

Entretanto, o cenário pandêmico emergido abruptamente em 2020, não obstante a dramaticidade imperiosa do caos instalado na saúde, com a perda de milhares de vidas para a Covid, acabou trazendo também alguns avanços, pois as instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, foram repentinamente forçadas a adequarem suas práticas de ensino e aprendizagem ao formato remoto, sendo mediadas quase que exclusivamente por dispositivos e ferramentas digitais. Obviamente, a maioria não estava preparado para tão profundas e rápidas mudanças, seja no aspecto estrutural e material, quanto no que se refere à capacitação dos recursos humanos – os professores, até então majoritariamente vistos como figuras centrais nos processos de ensino.

Assim, não obstante as severas mazelas trazidas pela pandemia, há de se convir que o formato remoto de ensino, que precisou ser adotado às pressas, compulsoriamente, também mostrou que as tecnologias digitais podem e devem ser aplicadas à educação, colaborando para que o discente seja de fato o protagonista do seu processo de aprendizagem, porque promovem mais autonomia e dinamicidade a esse processo. Isso porque o aluno pode se preparar de forma mais ativa e efetiva, antes mesmo de ir para a sala de aula (seja ela remota ou presencial), deixando então esse espaço para que o professor exerça a devida e tão necessária mediação dos debates e reflexões, no âmbito do coletivo, acerca dos estudos realizados.

É válido salientar que apenas desejar uma educação que viabilize e estabeleça a construção cotidiana de sujeitos letrados digitais não é suficiente para que isso seja de fato uma realidade. Contudo, querer já é um caminho para se fomentar a possibilidade de um futuro melhor para uma educação brasileira de qualidade, coerente e que contemple de forma efetiva as demandas da sociedade atual.

Sabe-se, porém, que as dificuldades são imensas, especialmente quando se depara com a muralha digital permeada pelas desigualdades sociais que abrangem todo o território nacional. Isso porque muitas famílias ainda não têm acesso à internet ou nem mesmo a um dispositivo móvel. Considerando a realidade de tamanhas barreiras, escancaradas pela pandemia ainda vigente, a pesquisa aqui reportada propôs as seguintes perguntas: Como manter e dar continuidade aos processos de ensino e aprendizagem remotamente, se não há meios, recursos materiais e tecnológicos disponíveis para uma parcela deveras significativa da população estudantil? Como orientar e desenvolver os letramentos digitais sem poder contar com o uso de dispositivos digitais e conexão com a internet? E, na hipótese de um acesso razoável a tais recursos, estão os professores devidamente preparados e capacitados para trabalhar com os

letramentos digitais nas aulas de Língua Portuguesa? Essas foram algumas das questões aventadas como problema de pesquisa e sobre as quais busquei refletir, considerando o contexto de cinco escolas públicas da rede estadual de ensino do bairro de São Caetano, periferia da cidade de Salvador, Bahia., observando os níveis Fundamental II e Médio atendidos por essas instituições de ensino.

A pesquisa aqui exposta, que teve como objeto principal os letramentos digitais, buscou observar se eles são abordados e trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa, aqui entendida como elemento transversal e base para o trabalho com a multimodalidade linguística, tão afeita aos contextos comunicativos mediados pela TDICs. De posse das respostas apresentadas pelos docentes de Língua Portuguesa das escolas selecionadas que aceitaram colaborar com essa pesquisa, iniciou-se uma análise do planejamento, execução e nível de tecnologia utilizada nas aulas. Para tal, elencou-se os grupos do ensino Fundamental II e Médio da rede estadual de ensino do bairro de São Caetano.

No processo de observação e análise do objeto em estudo, segui os seguintes passos metodológicos: identificação do uso de ferramentas digitais na elaboração e execução das aulas; detecção (ou não) dos recursos disponibilizados pela unidade escolar; reflexão sobre as problemática(s) advindas da falta de recursos suficientes para promover e estimular o desenvolvimento das competências que o letramento digital proporciona. Além disso, a realização dessa pesquisa possibilitou uma compreensão mais coerente e aprofundada acerca das implicações acerca da primeira formação e formações posteriores dos docentes, observando se estavam preparados para promover a aprendizagem com mediação tecnológica digital.

Nesse sentido, cabe salientar que cada vez mais emerge a necessidade de transformar a sala de aula, em consonância com as mudanças da vida cotidiana, marcada notadamente pelas revoluções tecnológicas, cujos reflexos irão inevitavelmente incidir na escola. Contudo, a questão é se o corpo escolar, não só em seu currículo, mas também em seus recursos, está pronto para lidar e se apropriar pedagogicamente de práticas já presentes no dia-a-dia dos estudantes, a fim de conduzi-los pelos caminhos mais adequados, conforme bem alerta Santos:

A comunicação eletrônica está presente na vida de nossos jovens já há bastante tempo. Para essa meninada, nascida no final do século XX, ligar um computador, desenvolver sites, conversar na rede, expressar-se através de blogs, fotoblogs, enviar e-mails ou participar de fóruns é algo absolutamente corriqueiro. (SANTOS, 2007, p. 51).

Partindo do pressuposto de que utilizar a tecnologia digital na educação pode ser um caminho muito promissor para melhorar o ensino e a aprendizagem, numa perspectiva que possa efetivamente contemplar as demandas da contemporaneidade, é importante também considerar que é extremamente importante ensinar aos jovens estudantes como integrar o mundo digital à sua rotina de construção de conhecimento, pois melhor do que as gerações X e Y (nascidos entre 1965 a 1994), os que vieram posteriormente, tendem a ter maior familiaridade com os aparelhos e dispositivos eletrônicos digitais em face de sua expressiva penetração no contexto atual (o que não significa necessariamente que saibam usá-los eficazmente). Obviamente, há ainda muitas exceções, porém é inegável que as enciclopédias impressas e horas de pesquisa na biblioteca já se tornaram recursos do passado. Por isso, a questão aqui posta não se limita a aprender sobre aplicativos, ferramentas e aparatos digitais, mas como decodificá-los, interpretar as mensagens, desenvolvendo capacidades realmente autônomas que envolvem criar, explorar e filtrar conteúdos.

De acordo com Rojo (2013), o letramento não pode mais se resumir apenas a uma apropriação do conhecimento das letras do alfabeto (acesso ao código escrito), mas precisa abranger também um processo de apropriação das práticas sociais de leitura e de escrita e, naturalmente, das capacidades nelas envolvidas. Assim, justifica-se também a preocupação em letrar digitalmente, já que a familiaridade com uso das tecnologias digitais é realidade para muitas crianças e faz parte da nova rotina dos jovens estudantes. Nesse sentido, a autora assevera:

Se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas. Hoje, é preciso tratar da hipertextualidade e das relações entre diversas linguagens que compõem um texto, o que salienta a relevância de compreender os textos da hiperímídia. (ROJO, 2013, p. 8).

Porém, há anos a educação pública brasileira sofre com a histórica e crescente falta de comprometimento, governo após governo. Isso vem gerando um acúmulo de perdas na qualidade da educação, que impacta gerações atuais e futuras de estudantes, ameaçando seriamente o desenvolvimento do país. Além disso, os resultados no dia-a-dia da sala de aula têm sido desanimadoramente aquém do esperado e necessário, pois as metodologias vigentes e recursos adotados promovem cada vez menos melhorias para o aprendizado dos alunos, à medida em que ignoram e desconsideram as necessidades formativas do mundo atual.

Assim, o que se observa é que, apesar do aparente consenso de que as ferramentas digitais podem ser mobilizadas com o valioso recurso didático, aliadas às analógicas, impressas

(como o livro didático), na prática o que se vê de fato é que elas não estão disponíveis para isso. E mesmo quando o estabelecimento de ensino as possui, muitas vezes faltam habilidades pertinentes (letramentos digitais) por parte dos potenciais usuários (professores e alunos), o que faz perder sua promissora efetividade educativa.

Nesse sentido, trago um exemplo preocupante da minha experiência em sala de aula enquanto professora licenciada do ensino médio em uma das escolas de São Caetano, mas que ilustra o cenário precário em que a educação pública se encontra. A instituição não possui dotação financeira - as famosas verbas - suficiente para dispor aos docentes uma variedade mais ampla de recursos didáticos, que lhes permitam desenvolver estratégias de ensino diversificadas. Logo, é comum vermos os professores desenvolvendo suas práticas em tarefas pautadas somente no letramento impresso. Isso porque não há sinal de internet para os estudantes utilizarem, e embora haja computadores no estabelecimento, estes são subutilizados.

Para além disso, é válido salientar que o bairro de São Caetano é uma periferia com um grande complexo escolar, logo, depreende-se que possui um numeroso e diverso alunado atendido por essas escolas. Todavia, enquanto moradora dessa região, ex-aluna do colégio Professor Edson de Souza Carneiro e atualmente professora Reda do CEEP Luiz Pinto de Carvalho, observo e preocupo-me com as ameaças a um futuro cultural e educacional mais justo para os jovens locais. Há tempos é sabido pela comunidade que não há uma parceria entre as escolas e projetos socioculturais que incentivem e estimulem o desenvolvimento e a capacitação desse público. A muralha entre as possibilidades que o “novo mundo” oferece e a periferia é real e dolorosa.

Portanto, enquanto mantivermos um currículo tradicional, ou ainda, que tenhamos um projeto atualizado, mas sem a estrutura necessária para que possa ser posto em acontecimento na prática, a escola seguirá numa curva descendente, se distanciando cada vez mais dos anseios e demandas da sociedade, tornando-se menos relevante enquanto agência responsável por promover os processos formativos dos estudantes, preparando-os para o mercado de trabalho e para o exercício crítico, consciente e engajado da cidadania. Já em 2013, Rojo, na obra “Escola conectada: os multiletramentos e as TICs”, alertava que

(...) na contemporaneidade, uma educação linguística adequada a um alunado multicultural se configura (...) como aquela que possa trazer aos alunos projetos (*designs*) de futuro que considerem três dimensões: a *diversidade produtiva* (no âmbito do trabalho), o *pluralismo cívico* (no âmbito da cidadania) e as *identidades multifacetadas* (no âmbito da vida pessoal). (ROJO, 2013, p. 14).

Diante do exposto, fica evidente a relevância dessa pesquisa, por buscar identificar (ou não) e compreender como se dá a presença dos letramentos digitais nos processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos nas escolas elencadas como *corpus*. Parte-se da concepção de que esse tipo de letramento se constitui habilidades absolutamente necessárias ao contexto atual, e por isso devem também estar presentes nas aulas das escolas públicas dessa periferia de Salvador, podendo ser observados nas aulas de Língua Portuguesa, elemento de recorte do trabalho aqui reportado, bem como a análise dos percursos desafiantes para essa comunidade ter um futuro mais promissor, com vistas à igualdade e inclusão social com dignidade e qualidade de vida.

2. OS LETRAMENTOS DIGITAIS E A LÍNGUA PORTUGUESA

As tecnologias digitais vêm ressignificando e reconfigurando a vida em sociedade, sobretudo no que tange o contexto educacional, pois possibilitam que o conhecimento seja produzido, acessado e compartilhado de formas que até alguns anos atrás não se podia imaginar, por inúmeros fatores. Já antes mesmo do contexto atual, cada vez mais impregnado de tecnologias digitais, o grande educador brasileiro Paulo Freire previa que uma relação de intimidade do fazer a sala de aula com as tecnologias seria necessária, a fim de oportunizar a aprendizagem e mudar a realidade educacional do país. Isso fica claro na passagem:

A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Dependendo de quem o usa, a favor de quem e para quê. O homem concreto deve se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação. (FREIRE, 2001, p. 98)

A partir do trecho acima, é possível compreender que a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento dos seus sujeitos, visto que é a instituição mais importante para o desenvolvimento da criticidade e autonomia, sendo o papel do professor crucial para mediar o desenvolvimento dos letramentos digitais de modo a não comprometer o futuro dos estudantes. Isso porque, ser letrado digitalmente no mundo globalizado é pré-requisito básico de uma boa formação sistematizada, e vai muito além de meramente possuir e manipular aparelhos eletrônicos, estando conectado à internet. Quanto a isso, Dudeney, Hockly e Pegrum afirmam que:

Estamos preparando estudantes para um futuro cujos contornos são, na melhor das perspectivas, nebulosos. Não sabemos que novos postos de trabalho existirão. Não sabemos quais novos problemas sociais e políticos emergirão. Mesmo assim, estamos começando a desenvolver um retrato mais claro das competências necessárias para eles poderem participar de economias e sociedades pós-industriais digitalmente interconectadas. Governos e ministérios da educação, empregadores e pesquisadores, todos apelam para a promoção de habilidades próprias do século XXI, tais como criatividade e inovação, pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas, colaboração e trabalho em equipe, autonomia e flexibilidade, aprendizagem permanente. (DUDENEY et. al, 2016, p. 17).

Ou seja, há o desafio de preparar os estudantes tanto para a realidade presente quanto futura, pois os letramentos digitais associam-se ao acesso e domínio do uso dos canais de comunicação com eficiência e, os espaços escolares da rede pública estadual que correspondem ao espaço da pesquisa, revelaram não estarem bem preparados para tal compromisso, tanto no

que se refere à capacitação de professores, quanto em relação aos recursos didáticos disponíveis. Para tal constatação, basta uma simples visita a uma sala de aula.

Contudo, isso não significa dizer que não existe nenhum trabalho com letramentos digitais nas instituições públicas de ensino, muito menos, que não é possível realizá-lo, ao contrário: a percepção de que há essa necessidade latente é vital para que se empreenda uma busca dos melhores meios para incorporá-los aos projetos e propostas educativas. Nesse sentido, cabe salientar que a Língua Portuguesa nas escolas tem um papel primordial na disseminação dos letramentos digitais, visto que é uma disciplina transversal em seu caráter formativo. Isso quer dizer que as capacidades de leitura e escrita provenientes do ensino desse componente exercem forte influência nos demais campos de aprendizagem e, conseqüentemente, apontam que é por aí que se deve intensificar a orientação do alunado para interpretar, administrarem e compartilharem conhecimentos de maneira eficaz e significativa.

2.1 LETRAMENTO IMPRESSO X DIGITAL: CONCORRÊNCIA OU COMPLEMENTARIDADE?

É fato que a gradativa inserção das tecnologias digitais como potenciais recursos didáticos provocaram mudanças no cenário educacional, sendo essas visibilizadas ainda mais pelo contexto da Pandemia da covid-19, que forçou uma mudança abrupta, embora necessária, para que os processos de ensino e aprendizagem pudessem minimamente ter continuidade após o fechamento das escolas e demais estabelecimentos de ensino. Todavia, conseqüentemente, as formas tradicionais de leitura e de escrita, pautadas em plataformas físicas impressas, também foram afetadas, o que permitiu, não obstante todo o estranhamento inicial, somado a uma série de dificuldades instrumentais, mais acessibilidade e interatividade na relação autor-leitor, ampliando o letramento dos estudantes para muito além do imaginado e habitualmente circunscrito aos limites do papel.

Porém, após dois anos do início da pandemia, o maior controle sanitário da doença proporcionado pelo avanço da vacinação, que alcançou também adolescentes e crianças, possibilitou o retorno às aulas totalmente presenciais neste ano de dois mil e vinte dois, o que fez emergir novamente a preocupação referente às conquistas e avanços na educação ocorridas no âmbito do formato remoto, não obstante as inúmeras dificuldades, limitações e exclusão

também experimentadas nesse período: seriam elas simplesmente descartadas, passada a necessidade mais urgente de se lançar mão delas? Ou enfim aliadas aos recursos analógicos já mobilizados anteriormente nos processos de ensino-aprendizagem em sala de aula, típicos da cultura do letramento impresso? Sim, porque no contexto da sala de aula física, presencial, notadamente nas instituições de ensino públicas, os principais recursos didáticos são o quadro, o pincel atômico, o livro didático e/ou apostila impressa. Logo, é mais comum do que podemos imaginar aulas pautadas exclusivamente por materiais impressos e que consistem essencialmente no ato de transcrever para o caderno o assunto que está na lousa, reforçando o estereótipo de que os alunos não pensam, sendo reduzidos a copistas e desperdiçando um valioso tempo que poderia ser muito melhor empregado em debates e discussões que efetivamente dessem vez e voz aos estudantes, desenvolvendo de fato sua autonomia e protagonismo, e tornando a aprendizagem verdadeiramente significativa e relevante, conforme Pinheiro e Araújo:

Somente um ensino pautado no desenvolvimento dos diversos letramentos e não somente no letramento tradicional, o que é comum na educação brasileira, pode permitir que a educação saia dos muros das instituições e perceba o processo ensino-aprendizagem como algo para a vida, o que é uma demanda do mundo globalizado. (PINHEIRO, ARAÚJO, 2016, p. 426).

Sendo assim, faz-se necessário intensificar a transformação dessa realidade educacional do país, ampliando, através de um currículo atualizado, programa político pedagógico coerente com as necessidades escolares e projetos internos, as possibilidades dos estudantes acessarem e se conectarem com situações do mundo real que se pautam na interação com o universo digital tão constante na sociedade atual, dando continuidade aos usos de ferramentas digitais experimentados compulsoriamente no período da pandemia. Segundo já afirmava Dionísio, em 2005, “na atualidade, uma pessoa letrada deve ser [...] capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens incorporando múltiplas fontes de linguagem.” (DIONÍSIO, 2005, p. 131).

Em suma, não se pode perder de vista que a escola não pode se furtar de corresponder consistentemente às mudanças da sociedade atual, estando atenta em atender às novas demandas que surgem velozmente. Consequentemente, a sala de aula, que acolhe as mentes do futuro, precisa estar aberta e também apta para incorporar práticas que contribuam para a formação pessoal, social e cultural do sujeito aliadas ao contexto das TDIC's.

2.2 PANORAMA DOS LETRAMENTOS DIGITAIS

É fato inegável e irreversível que os letramentos digitais estão presentes no cotidiano da maioria das pessoas, e nisso incluem-se os estudantes da rede pública de ensino e por isso certamente também já atravessaram os muros da escola, ainda que a despeito desta. Ou seja, o que se observa na prática, na maior parte dos casos, é que o movimento tem sido inverso, vindo de fora do espaço físico escolar para dentro. Para exemplificar de maneira muito clara e concreta, pensemos em um aparelho que a maioria das pessoas, de variadas faixas etárias (até mesmo crianças bastante novas) têm acesso nos dias atuais. Quantas vezes um professor em um único dia pede para seus alunos guardarem o celular na mochila durante a aula? Com certeza, inúmeras. Tendo em vista esse único e contundente exemplo, a questão é: a escola está aberta e preparada para acolher o uso de ferramentas tecnológicas digitais, contidas num aparelho de celular que, como bem se sabe, é realmente um pequeno computador na palma da mão, verdadeira chave de acesso à rede que conecta seu usuário ao mundo inteiro, para associá-lo, lançar mão dele para o desenvolvimento do conhecimento?


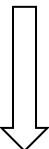
Somada a essa questão, há também muitos educadores que ainda acreditam ser uma armadilha usar as tecnologias digitais no espaço da sala de aula porque, segundo eles, isso inviabilizaria um planejamento educacional mais plural, que considerasse o contexto social dos estudantes. Porém, contrariamente ao que alguns pensam, uma educação mediada pelas tecnologias não irá substituir a pedagogia, muito menos suplantar o papel do professor, como bem observam Pegrum, Dudeney, Hockly. Segundo eles, “Precisamos (nós, professores) definir nosso conteúdo e metas pedagógicas antes de determinar se nossos alunos vão usar canetas ou teclados, escrever ensaios ou blogs, desenhar cartazes ou criar vídeos.” (DUDENEY et. al., 2016, p. 65). Ou seja: a ferramenta ou recurso didático não substitui o trabalho docente, tanto no contexto analógico quanto no digital, pois nenhum deles constrói o conhecimento por si mesmo, da mesma forma como um *software* depende do programador humano para existir e ser executado, não obstante o impressionante avanço das inteligências artificiais. Para tanto, é fundamental conhecer o que são os letramentos digitais e como usá-los no contexto da educação.

Dudeney, Hockly e Pegrum, no livro “Letramentos digitais” apresentam um quadro no qual definem e classificam de forma sistematizada e conceitual esse plural dos letramentos digitais, que dão nome à obra. Tal categorização teórica ajuda a compreender a complexidade do tema a partir do desdobramento proposto por eles, além de explicitar e afirmar que o professor na contemporaneidade precisa estar preparado para guiar seus estudantes nesse

presente tão marcado e cada vez mais dependente das tecnologias digitais pois, de acordo com eles,

(...) para podermos ajudar os estudantes a desenvolverem seus letramentos digitais, nós, professores, temos de desenvolver certo grau de competência tecnológica. Integrar tecnologias digitais a nossa prática de ensino significa que precisamos de novas habilidades, além das puramente pedagógicas.” (DUDENEY, et. al, 2016, p. 305).

O esquema a seguir traz uma representação do quadro dos letramentos digitais conforme definição oferecida na obra supracitada (2016), p. 21:

 Complexidade crescente 		Primeiro foco: Linguagem	Segundo foco: Informação	Terceiro foco: Conexões	Quarto foco: (Re) desenho
	*	Letramento impresso	_____	_____	_____
		Letramento em SMS	_____	_____	_____
	**	Letramento em hipertexto	Letramento classificatório	_____	_____
	***	_____	Letramento em pesquisa	Letramento pessoal	_____
		Letramento multimídia	Letramento em informação	Letramento em rede	_____
		_____	Letramento em filtragem	Letramento participativo	_____
	****	Letramento em jogos	_____	Letramento intercultural	_____

		Letramento móvel	_____	_____	_____
	*****	Letramento em codificação	_____	_____	Letramento remix

Observando o quadro, é importante validar que todos os letramentos citados estão dispostos pelo grau de complexidade crescente que possuem e estão organizados em quatro focos, sendo eles: linguagem, informação, conexões e (re) desenho.

Dentro do primeiro foco, que é a linguagem, tem-se o letramento impresso, que por sua vez, ainda é o mais utilizado nas salas de aulas das escolas participantes desta pesquisa. Contudo, sua relevância não pode ser desconsiderada, já que para desenvolverem novas habilidades é fundamento básico dominar essa forma de letramento. Porém, as escolas, juntamente com os professores de Língua Portuguesa, por sua vez, podem caminhar para desempenhar trabalhos relevantes e significativos também com práticas de leitura e escrita no ambiente online, permitindo assim que o estudante comece a alcançar outros ganhos educacionais, condizentes às demandas presentes na sociedade atual.

Já a presença do letramento em SMS tem sido uma constante que muitos professores, sobretudo, de Língua Portuguesa têm observado nas atividades escritas dos estudantes, pois esse letramento se caracteriza por ser uma capacidade de comunicação no chamado “internetês”, espécie de subcódigo, ou um código dentro do sistema linguístico instituído, no qual os estudantes, mais jovens, principalmente, costumam ser bastante habilidosos. Segundo Fruet et. al,

O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual. (FRUET et al. 2008, p. 103).

Todavia, cabe também aos professores, principalmente os de Língua Portuguesa, desenvolver atividades que conscientizem seus estudantes sobre o contexto em que devem ou não utilizar tais alterações no registro escrito, sabendo que não é nenhuma desvantagem dominar ambas possibilidades.

O letramento em hipertexto, que configura um grau de complexidade mais elevado, carrega em sua essência um senso de autonomia, tendo em vista que os leitores são levados a

clicar ou não em um hiperlink para dar continuidade a sua leitura. Ao mesmo tempo que surge a preocupação com algum prejuízo na informação dada, há por lado, possibilidades de [incrementação](#) do conhecimento, interrompendo uma leitura linear. Para Pièrre Levy, o hipertexto

“é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a sua maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular”. (Lévy,1990, p. 33).

Ou seja, o hipertexto proporciona novos percursos de leitura, bem como a inserção da multimodalidade linguística, visto que nos links disponíveis na base principal do texto, podem ser contidos textos visuais, escritos, sonoros, em movimento, simultaneamente.

Nesse sentido, em sequência, temos o letramento multimídia, que segundo Dudeney et. al. (2016), “é a habilidade de interpretar e de criar efetivamente textos em múltiplas mídias, especialmente usando imagens, sons e vídeo.” (p. 27). Sabe-se que já estamos no mundo das multimídias há muito tempo, a questão é se nossos estudantes são apenas consumidores de tais linguagens veiculadas por esses dispositivos eletrônicos de som e imagem, ou se são capazes de também produzi-las para se comunicar de forma mais crítica, consciente e autônoma. Logo, o desenvolvimento desse letramento também é fundamental para que a escola possa oferecer a melhor versão de ensino-aprendizagem dentro do atual cenário.

O letramento em jogos vem ganhando espaços significativos na educação, pois já foi comprovado que têm facilitado o ensino-aprendizagem em algumas áreas do saber. Entretanto, precisa ser compreendido, sobretudo pelos alunos, não apenas como uma atividade lúdica, mas também como uma forma de interação eficiente para alcançar objetivos que ajudem em sua formação.

David Parry (2011) diz que ensinar letramento para a internet móvel parece tão crucial quanto ensinar letramento básico (ou impresso). Os letramentos móveis abarcam em si uma sequência de habilidades pertinentes ao mundo globalizado, tais como: navegar, interpretar, contribuir com a informação e se comunicar (DUDENEY et. al., p. 31) tão fundamentais que não estar inserido nesse processo traz certa invisibilidade e perspectiva de exclusão, já que o mundo do trabalho e as relações interpessoais também estão na rede, como será citado nos letramentos do terceiro foco. Além disso, trata-se também de uma área em constante desenvolvimento, pois os dispositivos móveis estão em todos os lugares e sua tecnologia evolui rápida e constantemente.

Ainda no primeiro foco, da linguagem, temos também o letramento em codificação, responsável por promover a autonomia do sujeito no campo da programação. Esse letramento confere certas habilidades dentro do campo da codificação que permitem a criação de softwares e canais de mídia, dessa forma, não limitando quem está letrado nesta área a depender dos aplicativos e softwares prontos.

No segundo foco temos a informação, tão presente e efêmera em nossa sociedade. Os letramentos classificatório, em pesquisa, em informação e em filtragem estão intimamente relacionados. Isso porque o classificatório se caracteriza pela catalogação de materiais de forma online através das nuvens de *tags*, muito útil para os alunos quando forem realizar uma pesquisa, o que já nos leva a compreender a importância desse outro letramento que é a pesquisa, usada com frequência para a realização de muitas atividades escolares, por exemplo. Contudo, há inúmeras informações disponíveis na internet, conseqüentemente, uma gama de respostas, que podem ou não ser confiáveis.

Diante disso, emerge a necessidade dos nossos estudantes serem preparados para aplicar estratégias eficientes e consigam alcançar outro nível presente no letramento em filtragem, responsável por levar o usuário a fazer uma triagem das informações, prezando pela objetividade, chegando assim mais perto do resultado que se espera, em com segurança.

Vale salientar que o alunado conhece o poder da internet, visto que atualmente a maioria das pessoas têm em suas casas ao menos um dispositivo móvel. Então, como não desenvolver planejamentos de aulas que envolvam tais letramentos?

Já no terceiro foco temos as conexões, promotoras de reflexões acerca do letramento pessoal, em rede, participativo e intercultural.

Não é tarefa fácil encontrar pessoas, atualmente, que não tenham um perfil online, sobretudo as mais jovens. O que reitera a necessidade de serem letradas para tal, pois além de precisarem manipular diferentes mídias, existe a preocupação com a segurança digital, que tem sofrido vários ataques. Logo, o letramento pessoal é mais do que uma habilidade, é uma necessidade fulcral da contemporaneidade, na medida em que diferentes ameaças virtuais se proliferam, e os estudantes precisam estar cientes delas, de modo que possam se prevenir.

O letramento em rede precisa claramente do apoio pedagógico, pois pressupõe o controle de uma série de habilidades presentes nos letramentos já citados. Aqui fica mais evidente a importância da naturalização de um espaço escolar que confira ao estudante uma postura de agente protagonista da sua educação, porque para que se consiga organizar redes online profissionais e sociais, filtrar informações e se comunicar com eficiência, como apontam

Dudenev et. al. (2016), p. 47, é preciso uma desconstrução da sala de aula no seu formato tradicional polarizado, com enfoque na figura do professor como detentor do conhecimento.

É possível percebemos a importância desse letramento usando, por exemplo, a proposta do documentário ‘O dilema das redes’ dirigido por Jeff Orlowski, lançado em 2020 pela plataforma de streaming Netflix. O enredo do filme ocupa-se em alertar acerca do impacto que o mau uso das redes sociais pode ter sobre a humanidade. Os problemas do uso excessivo da internet, da desinformação, da manipulação das informações são algumas das diferentes questões apontadas no documentário, mas que comungam da falta de reflexão e instrução adequada para se estar conectado à rede. Portanto, ter a escola como ponto de partida para construção de aprendizados significativos como esse é indispensável.

O letramento participativo também possui grande importância, pois pode promover o engajamento dos estudantes em questões mais relevantes para sociedade, se forem direcionados a terem presença online e a participar de atividades que visem o bem comum, já que seu principal objetivo é contribuir para a inteligência comunitária das redes digitais.

Sobre o letramento intercultural, Dudenev et. al. (2016) dizem se tratar de uma habilidade para interpretar documentos e artefatos provenientes de uma gama de contextos culturais (p. 53). Além disso, eles ainda acrescentam que, enquanto professores, temos muitas tarefas que passam pelo domínio desse letramento e que resultarão em uma comunicação efetiva e construtiva com membros de outras culturas.

Por fim, no último foco, o (re) desenho, nota-se o alto grau de complexidade no letramento remix. Segundo Dudenev et. al (2016):

(...) o remix que se tornou a marca distintiva da era digital. O remix pode implicar mudar o slogan de um anúncio para subverter a mensagem original. Pode envolver o uso de Photoshop em determinada imagem [...] pode acarretar um “mashing up”, isto é, combinar duas canções preexistentes para criar um diálogo inesperado entre suas letras. Pode incluir dublar ou legendar criativamente um filme para surpreender os espectadores. O remix é um jogo de saber no qual as reivindicações de verdade frequentemente não têm lugar. E, como em todos os outros jogos, tem a ver com diversão ao longo do trajeto. (p. 54-55).

O remix incorpora todos os outros letramentos já mencionados, por isso tem também papel dotado de significação no espaço da sala de aula. Mais do que jovens criadores de memes, manipuladores de photoshop ou ainda, youtubers, precisamos de jovens que utilizem seus conhecimentos de forma crítica e sistematizada para estarem à frente de temas sociais, políticos e econômicos, sem deixar de usufruírem de suas habilidades, sendo essas desenvolvidas com a ajuda de seus professores.

Portanto, é crucial uma mediação constante nas escolas que, por sua vez, promovam o desenvolvimento prático desses letramentos a fim de que os estudantes não tenham suas capacidades desvalorizadas e não sejam prejudicados por não terem adquirido tais competências, requeridas em um contexto no qual “espera-se um trabalhador multicapacitado e autônomo, flexível para adaptação à mudança constante.” (ROJO, 2013, p. 14). Será que uma escola exclusiva ou predominantemente pautada no letramento impresso dará conta de formar cidadãos e trabalhadores preparados para as demandas do mundo atual?

3. METODOLOGIA: EM BUSCA DOS LETRAMENTOS DIGITAIS

A pesquisa aqui apresentada é do tipo qualitativa com revisão bibliográfica, pois nela busquei compreender a relevância da temática para o contexto atual da escola pública através de diversos autores, que apresentam suas investigações e compartilham suas experiências acerca dos letramentos digitais, bem como exponho o resultado da coleta de dados feita após análise e interpretação cuidadosa das respostas dadas pelos professores de Língua Portuguesa das escolas selecionadas para este trabalho, que aceitaram colaborar, respondendo ao questionário proposto para coleta de dados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO E UNIVERSO DA PESQUISA

A fonte de observação e coleta de dados foram as escolas da rede estadual de ensino localizadas no bairro de São Caetano, periferia de Salvador. As escolas são: Edson de Souza Carneiro, Assis Chateaubriand, CEEP Luiz Pinto de Carvalho, Professor Carlos Alberto Cerqueira e Desembargador Pedro Ribeiro. Com exceção da CEEP Luiz Pinto de Carvalho, que só possui o segmento de Ensino Médio e é voltada para o ensino profissionalizante, as demais escolas possuem Ensino Fundamental II e Médio. Todas atendem nos três turnos. Assim, o bairro possui um grande complexo escolar e atrai semanalmente um número considerável de jovens estudantes.

Vale dizer que pude circular nos espaços internos de três das escolas pesquisadas e por isso pude constatar diretamente que todas elas carecem de infraestrutura adequada, que corresponde a um conjunto de serviços que oferecem um ambiente de qualidade e seguro ao corpo escolar. Ou seja, foram observados tetos com infiltração, cadeiras insuficientes, iluminação e acústica ruim. Além disso, nas salas de aula apenas cadeiras, mesas e a presença do quadro branco.

O processo de construção do instrumento de pesquisa foi pensado de forma que atendesse aos objetivos já mencionados. Para tal, elaborei um questionário via Google Forms, que considerasse o contexto pandêmico, prezando pela biossegurança. Além disso, usar esse recurso tecnológico, que se tornou bastante conhecido e aceito nos últimos tempos, é perfeitamente coerente com a tese aqui defendida, em prol dos letramentos digitais requeridos

para o uso consciente e proativo de dispositivos e ferramentas digitais, pois reitera a necessidade de orientar e inserir tais usos de forma crítica e consciente no dia a dia dos estudantes.

Para efetivação da pesquisa, o questionário foi enviado via whatsapp e/ou e-mail a nove professores, que aceitaram participar da sondagem, todos atuantes nas escolas estaduais elencadas supracitadas.

É válido mencionar que o processo de ir às escolas para solicitar a participação dos docentes não foi uma tarefa fácil, pois muitos não quiseram participar por motivos não declarados. Apesar desse percalço, com a participação dos professores que acolheram o pedido foi possível chegar ao objetivo desta pesquisa, embora nenhum deles tenha demonstrado interesse em continuar as discussões iniciadas pelo questionário com o grupo focal proposto. Também uma professora que recebeu o questionário desistiu de respondê-lo sem mais esclarecimentos. Logo, os resultados obtidos por essa pesquisa baseiam-se nas respostas de oito professores da rede estadual de ensino de Salvador, BA.

Com a devolutiva dos questionários iniciou-se a tabulação das respostas, que em seguida foram analisadas a fim de compreender e problematizar os posicionamentos obtidos.

4. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

A análise se inicia observando a idade dos participantes entrevistados, não com o objetivo de identificá-los diretamente, mas sim para construir uma imagem de quem são esses professores e como eles, de gerações tecnológicas diferentes, se relacionam com as TDIC's no contexto escolar.

Após, se tornou relevante saber há quanto tempo o professor atua na referida instituição pesquisada a fim de ter conhecimento do envolvimento docente com o corpo escolar, bem como, se há realização de algum projeto e/ou trabalho para além da sala de aula.

Observando os dados obtidos nas duas primeiras requisições foi possível perceber que os professores participantes estão acima da faixa de quarenta e cinco anos, enquadrando-se nas gerações Baby Boomers e X. Os Baby Boomers são os nascidos entre 1945 e 1964 e os X compreendem o período de 1965 a 1984, o que demonstra que puderam conviver com o processo de evolução das tecnologias e aprimoramento dos meios de comunicações. Logo, puderam experimentar a chegada das tecnologias na vida cotidiana e os efeitos positivos e negativos provocados por elas ao longo das mudanças.

É necessário mencionar que alguns dos professores das escolas pesquisadas não tiveram acesso às tecnologias digitais durante sua formação escolar e nem mesmo em sua formação acadêmica inicial, se considerarmos os professores que estão nas instituições há mais de vinte anos. Nesse caso, eles apenas as viram chegar, se instalar e dominar a sociedade de que fazem parte. Mas, já há um certo tempo, estão sendo impulsionados pelo contexto atual da sociedade a lecionar para uma geração de residentes digitais. David White afirma que: “Os residentes têm uma presença online que desenvolvem constantemente, enquanto os visitantes se logam, realizam uma tarefa determinada e depois se desconectam”. (DUDENEY, et. al., 2016, pg. 26)

4.1 RESULTADOS

Observando a tabela abaixo tem-se uma noção da idade e do tempo de trabalho dos docentes nas referidas escolas. Importa dizer que, com a exceção dos participantes de número sete e oito, os demais possuem uma relação duradoura com as instituições, que nos permite

compreender que existe um certo conhecimento da forma de trabalho da gestão escolar, da equipe pedagógica, dos recursos ofertados e, sobretudo, um perfil dos estudantes da ‘casa’.

Quadro 1. Informações preliminares			
Participantes	Idade	Instituição	Ocupação e tempo na Instituição
Participante 1	49	Cerqueira	Professor, 6 anos
Participante 2	68	Ceep	Professor, 29 anos
Participante 3	50	Assis	Professor, 30 anos
Participante 4	48	Pedro	Professor, 6 anos
Participante 5	53	Edson	Professor, 15 anos
Participante 6	51	Ceep	Professor, 21 anos
Participante 7	57	Ceep	Professor, 2 anos
Participante 8	46	Ceep	Professor, 7 meses

Seguindo tem-se as informações obtidas após as respostas dos docentes.

Gráfico 1. Pergunta: ‘Qual o seu grau de escolaridade?’

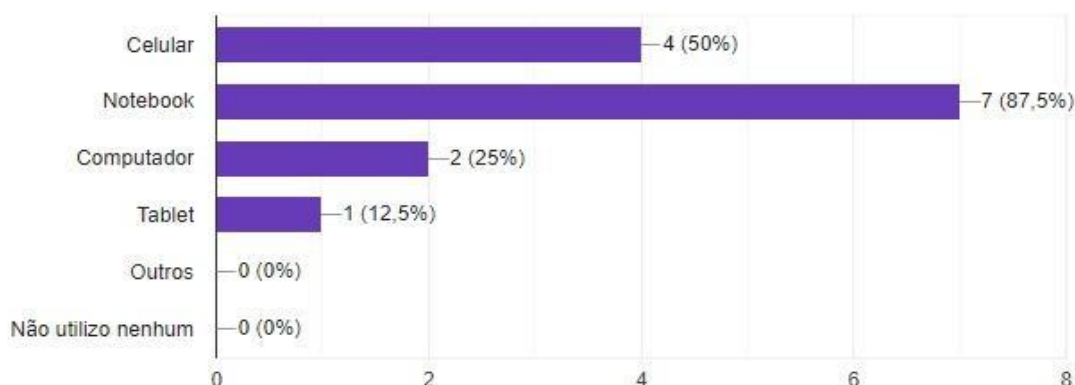


Foi perguntado a cada participante acerca do seu grau de escolaridade, com o intuito de saber se após a graduação em Letras houve um aprimoramento desse docente, sobretudo voltado as tecnologias digitais aplicadas à educação, que o capacitasse a compartilhar saberes atualizados dentro do espaço da sala de aula.

Dos oito participantes da pesquisa, a metade, ou seja, quatro professores, têm uma graduação completa acrescida de uma especialização, três possuem a graduação completa com duas especializações e um possui apenas a graduação completa. Entendemos que essa predominância revela que a maioria dos entrevistados tem interesse pelo aperfeiçoamento do conhecimento, o que entendemos como muito positivo, pois isso significa que podem contribuir mais através das suas vivências e aprendizagens no espaço escolar, visto que se preocupam em se atualizar, para que os estudantes tenham resultados mais significativos.

O Censo Escolar da Educação Básica 2021 revelou que é crescente o número de professores que possuem uma pós-graduação, se comparado com os anos anteriores. Mostra que 43,3 % dos docentes possuem uma formação para além da graduação, o que é um fato benéfico para o retrato educacional do país. Por outro lado, a Bahia, juntamente com outros poucos estados, está no ranking de menor porcentagem de professores com formação adequada, tanto para o ensino fundamental quanto para o ensino médio, e isso deve ser um alerta para a secretária de educação do estado promover junto às unidades de ensino incentivos para uma formação continuada visando não apenas a qualificação e atualização do profissional, mas principalmente, uma oportunidade de educação com mais qualidade para os estudantes.

Gráfico 2. Pergunta: ‘Quais aparelhos tecnológicos você utiliza para preparar sua aula?’



Os resultados do gráfico dois trazem informações de uma pressuposição que fiz considerando que, atualmente, todos os docentes utilizam algum tipo de aparelho tecnológico para preparar sua aula. Os dados revelam que nenhum professor da pesquisa faz planejamento de aula sem usar um aparato digital.

Quase a totalidade, sete professores, usam um notebook, quatro usam celular, dois deles usam o computador e um, o tablet. Não se descarta aqui a possibilidade de fazerem o uso simultâneo desses aparelhos, se preciso, para que possam dar conta das demandas profissionais e pessoais, entrando assim num ciclo de multitarefas digitais que têm suas vantagens e desvantagens. Dudeney et. al. afirmam que:

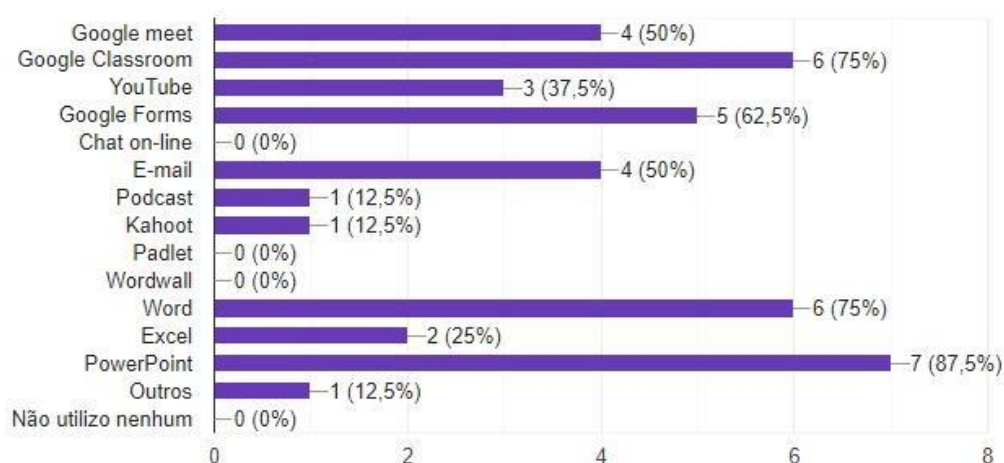
(...) a multitarefa também pode ser encarada como uma estratégia para enfrentar os estímulos múltiplos e competitivos e pode trazer certos ganhos em criatividade, pensamento lateral e produtividade em grupo. De modo inverso, alguns pesquisadores sugerem que é importante desacelerar de vez em quando e até mesmo desligar nossos fluxos de comunicação digital (...). (DUDENEY, et. al, 2016, p. 43)

Contudo, cabe-se pensar que se o professor tem precisado usar recursos tecnológicos digitais para preparar e realizar seus trabalhos, por que os estudantes não podem fazer isso também, para incrementar seus estudos? Infelizmente, ainda é vigente uma lógica segundo a qual os estudantes usam os aparelhos digitais apenas para diversão, o que não é verdade.

Dados encontrados no site da Agência Brasil traz informações acerca de uma pesquisa publicada em 2017, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) que mostrou que 52% dos alunos de escolas com turmas do 5º ano e turmas do fundamental II, bem como o 2º ano do ensino médio, usaram telefones celulares para realização de atividades escolares. Entre os estudantes do ensino médio, o percentual foi de 74%, isso em áreas urbanas. E, com certeza, esses números não regrediram nos últimos anos, muito pelo contrário, e ainda, se

considerarmos o contexto da Pandemia da covid-19, perceberemos o quão presente as tecnologias se fazem no âmbito educacional.

Gráfico 3. Pergunta: ‘Quais recursos, ferramentas e/ou aplicativos tecnológicos você utiliza para ministrar sua aula?’



No questionamento acima, foram obtidos resultados variados acerca dos recursos, ferramentas e aplicativos tecnológicos usados pelo professor para ministrar a aula. Os docentes citaram *softwares* e plataformas como Power Point, Google Classroom, Word, Google Forms, Google Meet, E-mail, You Tube, Excel, Podcast e Kahoot. Ainda houve um professor que sinalizou ‘outros’ na sua resposta.

Isso deixa claro que há diversas formas disponíveis para tornar uma aula mais dinâmica, atrativa e com participação dos estudantes, cabendo ao professor usar métodos e recursos diversificados de modo planejado e consciente. Vale salientar que através dos recursos citados, há inúmeras possibilidades de realizar atividades com os letramentos digitais, seja em sala de aula ou transpondo a tarefa para casa. No entanto, é importante salientar que não é apenas exibindo um vídeo ou ainda apresentando um slide animado que se irá desenvolver algum nível de letramento digital, pois tais habilidades e competências vão muito além disso. Nesse sentido, Kenski (2012) vai dizer que:

A grande revolução no ensino não se dá apenas pelo uso mais intensivo do computador e da internet em sala de aula ou em atividades a distância. É preciso que se organizem novas experiências educacionais em que as tecnologias possam ser usadas em processos cooperativos de aprendizagem, em que se valoriza o diálogo e a participação permanente de todos os envolvidos no processo. (Kenski, 2012, p. 88)

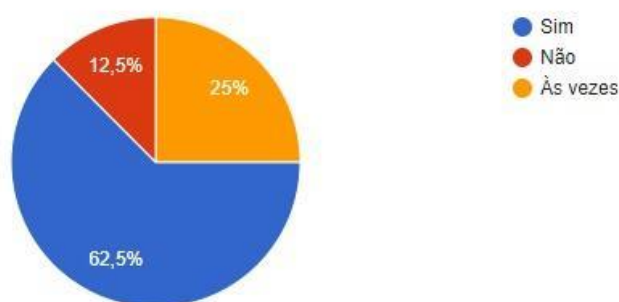
Além disso, é importante ressaltar que o breve contato mais informal que tive com alguns dos professores participantes da pesquisa deu indicativos de que a maior relação com os recursos citados se deu no processo das aulas remotas por conta da Pandemia da covid-19, que acabou por se estender um pouco mais até as primeiras semanas de aula deste ano. Inicialmente, por conta da frequência irregular dos estudantes nas aulas 100% presenciais, por diversos fatores, e, depois por causa do afastamento de alguns por suspeitas gripais fizeram com que alguns educadores mantivessem o contato por e-mail e/ou whatsapp para enviar atividades e continuar a comunicação fora do espaço escolar. Isso não significa que os professores usam todos esses recursos citados no momento atual. Um exemplo disso é o fato da minha presença enquanto professora do CEEP podendo acompanhar e conversar com os colegas professores da área.

Quadro 2. Informações específicas		
Você realiza algum trabalho com os estudantes da escola utilizando as redes sociais ou aplicativos? Se sim, quais?		
Participantes	Respostas	
Participante 1	Não	_____
Participante 2	Não	_____
Participante 3	Sim	Kahoot
Participante 4	Não	_____
Participante 5	Sim	WhatsApp
Participante 6	Não	_____
Participante 7	Sim	Google, Google Forms, YouTube
Participante 8	Sim	Google Classroom

O quadro 2 traz informações interessantes, a saber, se os professores realizam algum trabalho com seus alunos usando as redes sociais ou aplicativos. 50% responderam que não fazem o uso para atividades destinadas voltadas aos estudantes e a outra metade realiza, sendo que 12,5%, ou seja, um professor usa uma rede social que é o WhatsApp; os outros três lançam mão de ferramentas digitais como Google e kahoot.

Contudo, isso promove a reflexão de que todos os professores que participaram desta pesquisa usam os aparelhos e as ferramentas tecnológicas para prepararem suas aulas, mas só a metade deles usam tais recursos para desenvolverem atividades com seus alunos durante as aulas. Isso pode ser causado pelo fato de a escola não oferecer recursos e/ou infraestrutura suficientes, ou ainda, porque o professor tem alguma dificuldade para promover atividades que contemplem os letramentos digitais ou ainda, que não deseja oferecer esse tipo de formação para o educando. Contudo, diante das minhas observações, acredito que a mais coerente se relaciona com algumas dificuldades que o educador tem para usar praticamente o letramento digital, porém, não excluo as outras duas possíveis conclusões.

Gráfico 4. Pergunta: ‘A instituição na qual trabalha disponibiliza algum recurso tecnológico digital para utilização nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa?’



A pergunta do gráfico quatro buscou saber se há recursos tecnológicos digitais para serem usados em uma aula de Língua Portuguesa. Apenas um voluntário desta pesquisa respondeu que não. Outros dois responderam que só às vezes e os cinco restantes responderam que sim, eliminando uma certa preocupação preliminar de que as escolas públicas estaduais não têm recursos tecnológicos disponíveis. Porém, é importante ressaltar que possuir esse tipo de recurso não significa necessariamente ter a quantidade suficiente para toda uma turma de alunos, nem ter a estrutura física adequada para usá-lo.

Para além do que a questão desejava saber, busquei investigar também se as escolas têm laboratório de informática com computadores e conexão à internet, ao menos. Essa pergunta não constava no questionário disponibilizado para os docentes porque o foco não é apenas ter o recurso, sendo também crucial saber que para mediar o letramento digital não é essencial possuir um espaço com alta tecnologia, pode-se fazer também com zero ou baixa tecnologia. Além disso, o objetivo de letrar os estudantes no contexto das TDIC's não é ensiná-lo a manusear ferramentas. Logo, as seguintes informações não são absolutamente relevantes, mas uma forma de esclarecer alguns posicionamentos.

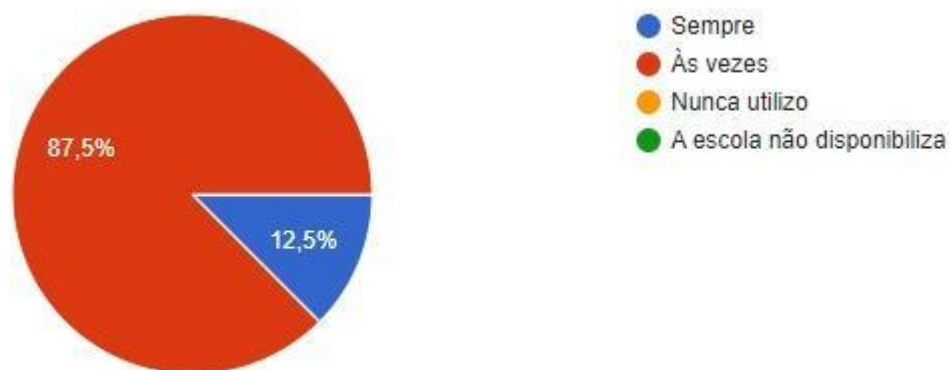
Tive o retorno de três escolas contactadas. Em uma não há computadores suficientes para que ao menos uma turma inteira os utilize simultaneamente, e nem todos funcionam adequadamente. Em outra, não tem sala de informática, mas tem alguns [chromebooks](#) que são utilizados pelos professores e, na última escola de que tive retorno, há dois computadores disponíveis com conexão à internet para uso diário dos professores e também uma sala de informática com professor para lecionar a disciplina Informática para algumas turmas, mas pouco usada. O motivo não foi informado.

Na escola onde leciono busquei de forma indireta e informal, através de conversas espontâneas, ouvir os estudantes acerca do uso dos computadores. Muitos me disseram que nunca entraram na sala de informática. Alguns disseram que já a usaram em algum momento, mas que não tinha internet, mas que neste ano, a sala ainda não foi usada por eles. Além disso, pude acessar uma única vez essa sala para uma reunião de conselho de classe de professores. Busquei a gestão da escola para mais informações e foi-me dito que os todos computadores funcionam e que tem internet. Entretanto, não é isso o que os alunos dizem e que o comportamento dos outros professores revela.

Porém, para o segundo semestre me desafiei a realizar uma oficina de redação com os alunos que farão a prova do ENEM e pretendo usar com eles os computadores para pesquisas orientadas. Logo, poderei de perto verificar a veracidade das informações recebidas.

Tais informações, ainda que obtidas de maneira casual, são preocupantes e servem como alerta, pois dão indicativos de que a educação nessas escolas não está priorizando todas as necessidades estudantis. Além disso, denotam que elas não estão comprometidas com a formação de sujeitos que saibam produzir e se comunicar através de diferentes mídias e/ou recursos.

Gráfico 5. Pergunta: ‘De acordo com sua resposta anterior, qual a frequência em que você utiliza esses recursos?’



O gráfico 5 revela que sete professores usam às vezes os recursos disponibilizados para ministrarem suas aulas, o que demonstra que alguns deles deram respostas conflitantes na questão anterior, quando um afirmou que a escola não disponibiliza e outros cinco disseram que disponibiliza. Diante disso, é possível concluir que, ou o professor só usa às vezes, embora a escola disponibilize sempre, ou que ele só usa quando a escola disponibiliza. Mas, o fato é que as escolas disponibilizam tais recursos em algum momento, ainda que não sempre.

Adiante foram feitos mais alguns questionamentos.

Gráfico 6. Pergunta: ‘Sua relação com o ensino e as tecnologias para as aulas remotas no período inicial da Pandemia da Covid-19 pode ser resumida como?’



Sabe-se que a Pandemia da covid-19 alterou definitivamente as formas de se pensar e fazer a educação, dando grande espaço para a educação à distância, que antes era vista como alternativa. Muitas discussões foram suscitadas no auge da Pandemia acerca do papel da escola e é inegável que aprendizados importantes aconteceram, mesmo que de forma brusca e indesejada, compulsória, tanto para o professor quanto para o aluno.

Porém, nem sempre os professores foram receptivos ao uso das tecnologias digitais no ensino, porque alguns acreditavam que as tecnologias poderiam substituir o seu trabalho, outros porque pensavam que seus alunos poderiam saber mais do que eles, além de outras razões que enfatizavam a distância de uma sala de aula que dialogasse com as vivências dos estudantes e as TDIC's. A esse respeito, Kenski afirma que:

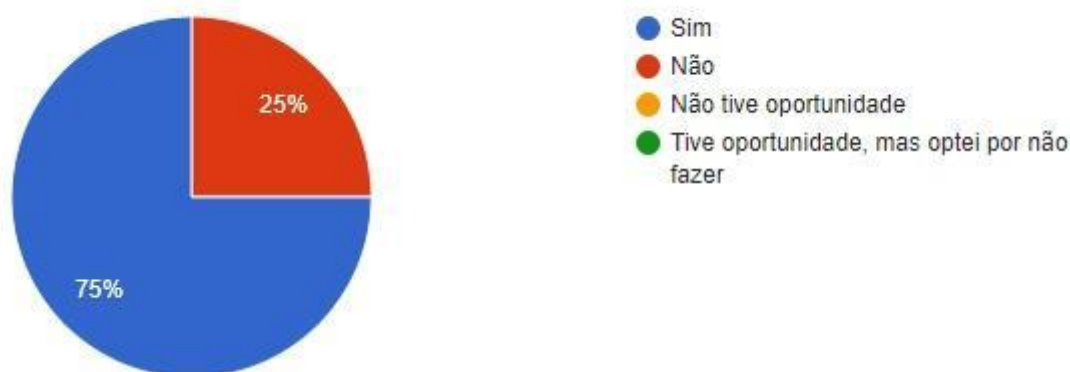
A escola não se acaba por conta das tecnologias. As tecnologias são oportunidades aproveitadas pela escola para impulsionar a educação de acordo com as necessidades sociais de cada época. As tecnologias se transformam, muitas caem em desuso, e a escola permanece. A escola transforma suas ações, formas de interação entre as pessoas e conteúdos, mas é sempre essencial para viabilização de qualquer proposta de sociedade. (KENSKI, 2005, pg. 77-78).

As tecnologias digitais, se exploradas corretamente, podem somar muito ao aprendizado dos estudantes. Nesse sentido, a Pandemia reforçou a necessidade de preparo docente para que orientem seus estudantes a se encontrar, pensar, produzir e compartilhar conhecimentos eficazmente para uma formação mais crítica e consciente, que corresponda às demandas do contexto atual.

Logo, os dados obtidos no gráfico seis apontam que os professores de Língua Portuguesa que constaram da amostra desta pesquisa estabeleceram uma boa conexão entre o ensino e as tecnologias, o que facilita instigar a promoção de um estudante cada vez mais autônomo. Tal conclusão fica claramente demonstrada pelo percentual de 62,5%, ou seja, cinco professores que consideraram boa a sua relação com as tecnologias durante a Pandemia. Dois consideram regular e um considerou ótima.

Observemos o gráfico de número sete.

Gráfico 7. Pergunta: 'Você já fez algum curso de capacitação voltado para o uso das tecnologias digitais aplicadas ao ensino?'



A questão anterior abre a possibilidade para entendermos se a boa, regular ou ainda, ótima relação dos educadores com as tecnologias é devido a capacitação ou se há ainda outros motivos.

Analisando as respostas, temos que seis professores fizeram em algum momento capacitação voltada para as tecnologias digitais e dois não fizeram. Logo, podemos subentender, que talvez a boa relação, que a maioria apontou na questão anterior, com as tecnologias durante o período das aulas remotas se deva ao fato de terem tido alguma espécie de preparação.

Porém, uma pequena porcentagem, ou seja, dois professores não fizeram um curso de capacitação. Pela disposição das opções, pode-se subentender que não quiseram fazer, caso contrário, marcariam as outras alternativas dadas. Contudo, não se sabe se esses professores que disseram ‘não’ se consideram muito bons a ponto de não precisarem aprender mais nada acerca das tecnologias digitais.

Escrever

Caixa de entrada 256

Com estrela

Adiados

Enviados

Chat

Espaços

Ainda não há espaços
Criar ou encontrar um espaço

Meet

Nova reunião

Minhas reuniões

288 de 339

Ativo

Gov.br

Pesquisar todas as conversas

COMUNICADO: SECRETARIA ABRE INSCRIÇÕES PARA FORMAÇÃO EM TECNOLOGIAS E CULTURA MAKER

Comunicado Secretaria da Educação do Estado da Bahia - admin.email@enova.educacao.ba.gov.br para Cco:classroom_teachers - qua., 6 de out. de 2021 17:58

ATENÇÃO! A Secretaria da Educação do Estado da Bahia abre inscrições para Formação em Tecnologias e Cultura Maker, conforme ofertas descritas abaixo:

1) MINUTO ESCOLA: Secretaria da Educação oferta 2.100 vagas para curso de audiovisual

Estão abertas as inscrições para o curso online e gratuito de audiovisual para educadores das redes municipais e estadual. O curso será realizado no ambiente virtual do Minuto Escola. São 45h distribuídas em 45 dias com um cronograma de atividades síncronas e assíncronas, realizadas 100% online. A formação passa por vídeos tutoriais de aplicativos de edição e animação e a realização de um exercício de Stop Motion e outras produções no formato um minuto que ao final do curso serão publicadas no site www.videoescola.com.br

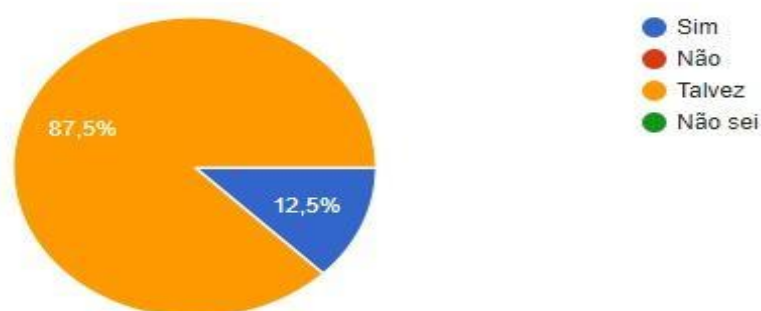
INSCRIÇÕES ATÉ 06 DE OUTUBRO

>> <https://bit.ly/Minutoescola>

Vale ressaltar que a Secretaria de Educação do Governo do Estado da Bahia promoveu alguns cursos para os docentes durante o período das aulas remotas e semipresenciais voltados para o contexto tecnológico. Afirmo que recebi via e-mail as informações da oferta de cursos online e pude participar inicialmente do projeto pelo qual optei. Imagem a seguir.

Dessa forma, pode-se pressupor que existe uma preocupação legítima em colaborar com a capacitação docente, todavia, as propostas de formações como essa não podem se limitar a situações eventuais ou específicas, como a emergência da pandemia, que impôs o ensino remoto. As ofertas precisam continuar, o acompanhamento e preocupação do profissional também, porque como é sabido que a era da informação digital é ascendente e irreversível.

Gráfico 8. Pergunta: ‘Você considera que os seus alunos estão preparados para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente por meio dos canais de comunicação digital?’



A pergunta acima foi a mais importante do questionário aplicado junto aos professores para confirmarmos a necessidade de se mediar os letramentos digitais na escola, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, pois nada adianta termos educadores letrados digitalmente se os seus alunos não o são, pois como dizia o grande educador Paulo Freire “não há docência sem discência”.

Observando as respostas obtidas após a devolutiva, que estão dispostas no gráfico oito, temos que 87,5% dos participantes não têm certeza se seus alunos são letrados digitais, pois responderam ‘talvez’. Apenas um participante, o que corresponde a 12,5% acredita que seus alunos estão preparados.

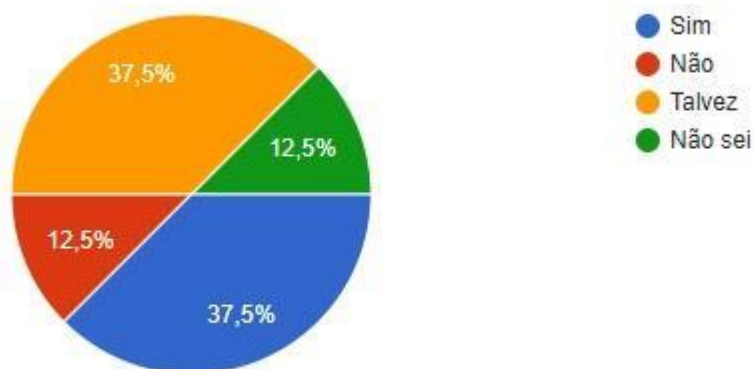
Essas informações acedem alguns questionamentos e alertas. Por que a maioria dos professores acha que seus alunos podem não estar preparados para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente por meio dos canais de comunicação digital? Existem desafios que possibilitam essa incerteza? O professor sabe o que pode fazer para que a resposta possa ser positiva? Esse mesmo professor tem desenvolvido quais trabalhos para letrar seus estudantes digitalmente de modo eficaz e significativo?

A grande preocupação é: será que todos os professores têm clareza do que são os letramentos digitais? Pois, como se discutiu ao longo deste trabalho, ser letrado digitalmente vai muito além de ser instrumentalizado.

Muitas das respostas para esses questionamentos perpassam pelo meu imaginário, contudo a única certeza em meio a isso é que nossos estudantes precisam de mais de nós. Não se pode achar que possuem certos letramentos sem estarmos fazendo com isso aconteça para eles. As aulas de Língua Portuguesa precisam ser um espaço efetivo para gestar, desenvolver e criar conhecimentos que corroborem para letrá-los dentro da perspectiva digital. Ou seja, os estudantes precisam que, na execução dos nossos planejamentos, haja propostas que acolham suas vivências, seus contextos e olhem para realidade concreta em que se encontram.

Logo, acredito ser fundamental que na primeira formação docente a academia já ofereça componentes curriculares que promovam saberes acerca dos letramentos digitais. Em uma breve reflexão, compartilho que infelizmente não pude experienciar tal realidade no período da licenciatura. Porém, fui agraciada logo após com o curso de extensão em Letramentos Digitais na Língua Portuguesa que modificou minhas perspectivas e ampliou ricamente meus conhecimentos. Portanto, acredito que todos os futuros professores devam ter tamanha oportunidade, pois tendo professores mais preparados e conscientes, as escolas terão muitos ganhos. É preciso reconhecer as necessidades do aluno e apresentar propostas de intervenção para a mediação dos letramentos aqui já citados. Com um trabalho efetivo e contínuo não haverá lacunas para incerteza sobre a capacidade dos estudantes, tampouco dos docentes.

Gráfico 9. Pergunta: ‘Você tem interesse em fazer um curso de capacitação sobre os Letramentos digitais no ensino de Língua Portuguesa?’



Por fim, a última pergunta buscava saber se os professores teriam interesse em fazer um curso de capacitação sobre os Letramentos Digitais no ensino de Língua Portuguesa e as respostas foram variadas. 37,5% dos entrevistados, o que correspondem a três pessoas, responderam que sim, os outros 37,5% responderam que talvez. 12,5%, o que corresponde a uma pessoa, respondeu não e os outros 12,5% respondeu que não sabia.

Analisando esses números, pode-se inferir que a resposta foi majoritariamente positiva, pois três professores têm interesse em saber ou saber mais sobre os letramentos digitais e outros três deixaram brecha para tal possibilidade.

Vale dizer que ter professores capacitados para as novas demandas da sala de aula aumentará as oportunidades de futuros com mais equidade para as crianças, adolescentes e jovens das escolas públicas de Salvador. Por isso, parafraseando Freire (1999), a docência deve carregar amor e coragem. Ouso dizer que também não podem faltar persistência e boa vontade, porque tudo isso tenderá a acarretar na formação de sujeitos mais plurais, críticos e conscientes.

Quadro 3.

Chegamos ao final deste questionário. Você gostaria de dar alguma sugestão ou fazer algum comentário? Se sim, utilize o espaço abaixo.

Seria interessante que esses recursos fossem disponibilizados para nossos alunos em casa, pois se eles apenas acessam na escola essas tecnologias, o trabalho não alcançará o retorno desejado.

Não

Apenas gostaria de parabenizar a proposta, pois acredito que o quanto mais for sendo debatido essa nova ferramenta para o auxílio do ensino os alunos tendem a se adequar à nova "ordem mundial".

Ao final do questionário, deixei espaço para pudessem tecer comentários e/ou sugestões. Obtive três retornos. O primeiro dizia que os alunos precisam ter acesso aos recursos tecnológicos também em suas casas, caso contrário, um trabalho que se inicie na escola poderá não ter o devido desenvolvimento se apenas ficar restrito aos muros escolares, o que de fato é uma preocupação, pois muitos alunos carecem de necessidades básicas, então investir em equipamentos que colaborem com sua educação não é prioridade para os adultos responsáveis por eles.

O segundo comentário foi apenas um não. O que também não foi novidade para o fazer desta pesquisa. Durante o processo foi difícil conseguir a colaboração dos professores para participarem respondendo ao questionário proposto.

Por outro lado, há retornos como o terceiro comentário que incentivam o prosseguir da pesquisa. Um professor parabenizou a iniciativa e acredita que este tema precisa ser mais debatido, como foi possível observar no quadro 3 acima.

Em suma, exponho que toda a construção, aplicação e espera pelo retorno das respostas para análise não foi tarefa muito fácil para esta pesquisadora. Houve no percurso algumas variáveis, como por exemplo, não conseguir conversar com a gestão da escola por não estarem disponíveis para atender, ficar horas na sala de espera, o professor não poder atender no dia que leciona para passar o contato, professor que se comprometeu em responder, mas as respostas nunca chegaram e outras situações que só fizeram com que esse trabalho fosse realizado à custa da persistência e também da esperança, de conseguir ao longo da jornada 'dar mais corpo' para a pesquisa a fim de que os objetivos se tornassem ações concretas, no desejo de que mudem

positivamente a realidade das escolas pelas quais passei, mediante algum grau de reflexão promovido sobre o tema abordado.

Além disso, acredito também que um ganho positivo da pandemia da covid-19 foi a constante presença dessas ferramentas tecnológicas digitais no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem, ainda que de forma compulsória e por um motivo deveras dramático. Apesar disso, na prática foi o que viabilizou o contato com os professores que participaram desta pesquisa, além da rede social WhatsApp e também o e-mail.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As tecnologias aplicadas à educação vêm se mostrando bastante eficazes e promissoras no sentido de ampliarem as possibilidades de ensino, pois sem elas não teríamos conseguido passar por alguns desafios que surgem na realidade escolar, notadamente durante a pandemia, bem como na sociedade ultra conectada em que vivemos. As TDIC's redefinem a sala de aula tornando-a um espaço cada vez mais dinâmico, interativo e descentralizado da figura do professor como sujeito detentor do conhecimento. Todavia, reitero que mais do que possuir as ferramentas é crucial saber usá-las adequadamente. Dessa forma, ressalta-se mais uma vez o insubstituível papel do professor enquanto mediador, conforme bem afirma Cysneiros no trecho abaixo:

Em escolas informatizadas, tanto públicas como particulares, tenho observado formas de uso que chamo de inovação conservadora, quando uma ferramenta cara é utilizada para realizar tarefas que poderiam ser feitas, de modo satisfatório, por equipamentos mais simples (atualmente, usos do computador para tarefas que poderiam ser feitas por gravadores, retroprojetores, copiadoras, livros, até mesmo lápis e papel). São aplicações da tecnologia que não exploram os recursos únicos da ferramenta e não mexem qualitativamente com a rotina da escola, do professor ou do aluno, aparentando mudanças substantivas, quando na realidade apenas mudam-se aparências. (CYSNEIROS, 1999, pg. 3-4).

Diante das observações, respostas obtidas e reflexões concluo que ainda há muitos desafios para o letramento digital no ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas estaduais de São Caetano que merecem atenção. Mesmo que alguns professores realmente acreditem que as tecnologias digitais podem ajudar a melhorar o desempenho das suas aulas e, conseqüentemente, dos alunos, muitos esbarram nos problemas que inviabilizam o uso desse tipo de recurso, conforme explanado ao longo desse trabalho.

Nota-se que, para além dos problemas de infraestrutura já citados aqui, há também falta de recursos didáticos e espaços suficientes para o desenvolvimento de algumas atividades, como salas de informática em que possam se acomodar ao menos todos alunos de uma turma, livros didáticos, *data show* e outros recursos, digitais ou mesmo analógicos. Verifica-se também que existem lacunas na formação docente, pois muitos dos trabalhos acompanhados no CEEP, por exemplo, não usam nenhum recurso tecnológico. Porém, o último e não menos importante desafio carrega certa gravidade, pois fere o direito dos estudantes a uma educação de qualidade contextualizada: não reconhecer a necessidade de letrar digitalmente os alunos é um ato de ignorância e retrocesso para educação pública brasileira, segundo bem alerta Silva:

O professor é o único responsável pelo uso consciente dos recursos tecnológicos em sala de aula, mas esses recursos tecnológicos muitas vezes não são disponibilizados pelos agentes públicos, e quando chegam às escolas a tecnologia está ultrapassada e não acompanha as inovações vivenciadas pelos nossos alunos. (SILVA, 2013).

Fato é que sem o preparo adequado do professor, as tecnologias digitais poderão mais atrapalhar do que contribuir com o trabalho pedagógico. Mas conhecer e aplicar em seus planejamentos o uso dos letramentos digitais promoverá, por sua vez, diversos aprendizados para o professor e o aluno. Sendo assim, é necessário realizar trabalhos no espaço escolar que ressignifiquem as atuais estratégias de aprendizagens, e isso abrirá espaço para a desconstrução do mito de que os mais jovens dominam as tecnologias digitais com facilidade, sendo que a verdade é que alguns ainda não sabem nem criar uma apresentação em *PowerPoint*.

Por fim, ressalto que os objetivos dessa pesquisa foram alcançados e através das análises feitas, surgiram questões que servirão como pontos norteadores para o desenvolvimento de atividades mais concretas em sala de aula com os professores e alunos das escolas públicas estaduais de São Caetano.

Dessa forma, penso que mais do que um bairro periférico, marcado por desigualdades sociais e outros enlaces de cunho negativo, São Caetano é espaço formador de sujeitos pensantes, críticos que têm o direito a um futuro promissor, com a garantia de seus direitos como cidadãos. Além disso, sinto-me responsável, enquanto educadora e filha desse lugar, por olhar para sua realidade e contribuir como sei e posso. Logo, atingir os objetivos propostos nessa pesquisa, que previa a detecção (ou não) dos recursos disponibilizados pela unidade escolar; reflexão sobre às problemática(s) advindas da falta de recursos suficientes para promover e estimular o desenvolvimento das competências que o letramento digital proporciona; observar a formação docente e suas possíveis lacunas, foram cruciais para saber que é necessário ser feito um trabalho mais profundo que vise letrar digitalmente os professores e os estudantes, a fim de que atuem no mundo globalizado com consciência e relevância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTE, E. HABOWSKI, A. RIOS, M. *As tecnologias na educação: perspectivas freireanas*. Congresso internacional de educação e tecnologias. UNILASALLE, 2018.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. *Novas Tecnologias na Sala de Aula: Melhoria do Ensino ou Inovação Conservadora?* 1999. Disponível em:

https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/247582/mod_resource/content/0/34-melhoria_do_ensino_ou_inovacao_conservadora_CYSNEIROS.pdf Acesso em 25 de maio de 2022.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. *Letramentos Digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura). Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> Acesso em 22 de maio de 2022.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS. Secretaria de Educação Básica. PNLD 2015: *Língua Portuguesa: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, 2014.

KENSKI, Vani Moreira. *Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem*. FE/USP, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologia: O novo ritmo da informação*. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PINHEIRO, R. C.; ARAÚJO, J. *Letramento Hipertextual: um amálgama de letramentos demandados em cursos on-line*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 55, n. 2, p. 401-430, 2016.

PINHEIRO, Regina Cláudia. *Conceitos e modelos de letramento digital: o que escolas de ensino fundamental adotam?* *LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 603-622, set./dez. 2018. 2018.

ROJO, R; MOURA, E. (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO (Org.). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Else Martins dos. Chat: E agora? Novas Regras - Nova Escrita. In: COSCARELLI & RIBEIRO (Org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale Autêntica, 2007, p. 151- 183.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e Tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

SILVA, Wesley Pereira da. *O uso das novas tecnologias da informação e comunicação na promoção do trabalho docente*. Brasília, 2013.

SOARES, M. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUSA, Caio Eder Santiago Lopes de. *Os multiletramentos como motivadores da prática de leitura em sala de aula*. Fortaleza – SEDUC, 2019.

XAVIER, Antonio C. S. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese de Doutorado, Unicamp: inédito, 2002.

ZAGURY, Tania. *Pensando a educação com os pés no chão: reflexões de meio século de sala de aula*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Bicicleta Amarela, 2018.

OUTRAS REFERÊNCIAS (SITES):

https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2021.pdf - Acesso em 29 de abril de 2022.

<https://www.iberdrola.com/talentos/geracao-x-y-z> - Acesso em 29 de abril de 2022.

<https://www.moderna.com.br/anuario-educacao-basica/2021/professores-formacao.html> - Acesso em 25 de maio de 2022.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-08/mais-de-70-dos-alunos-do-ensino-medio-usam-celular-nas-atividades-escolares> - Acesso em 30 de maio de 2022.

APÊNDICE

No link abaixo encontra-se o questionário aplicado aos professores das cinco escolas participantes desta pesquisa. O formulário eletrônico foi criado com a utilização da ferramenta Google Forms.

Link para acesso:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdBsqTyJdxEeuvUkZOqJ71IHKFE EyY_27KeCgrvJqiquqEg/viewform?usp=sf_link